

A GÊNESE DA REPRESSÃO EM FREUD: *DIAGNÓSTICO E TENDÊNCIA OCULTA DA PSICANÁLISE*

THE GENESIS OF REPRESSION IN FREUD: *DIAGNOSIS AND HIDDEN TREND OF PSYCHOANALYSIS*

Maria Érbia Cássia Carnaúba¹

Resumo: Neste artigo, pretendo apresentar uma introdução à gênese da repressão em Freud a partir da chamada Segunda Tópica (escritos posteriores a 1920), com intuito único de procurar naquele contexto seu diagnóstico te tempo. Isto é, identificar as tendências apresentadas pelo autor frente aos problemas que a repressão, tanto individual quanto social, suscitava naquele momento após a Guerra. Este exercício nos dá uma dimensão para suas apropriações posteriores, como pela Teoria Crítica, por exemplo. Embora, não seja o caso que entrar nas discussões que se seguiram. Trata-se somente remontar a dinâmica do conceito a fim de fornecer material para estudos posteriores nesse sentido.

Palavras-chave: Repressão, Civilização, Indivíduo e Freud.

Abstract: In this article, I intend to present an introduction to the genesis of repression in Freud called from the Second Topic (writings after 1920), aiming only to look at the context you time your diagnosis. That is, identify the trends presented by the author regarding the problems that repression, both individual and social, raised at that time after the War. This exercise gives us a dimension to its appropriations later, as the Critical Theory, for example. It is not the case that enters the discussions that followed. It is only trace the dynamics of the concept in order to provide material for further study in this regard.

Keywords: Repression, Civilization, Individual and Freud.

* * *

Breve nota preliminar acerca das traduções de Freud

I – Repressão x Recalque

Marcuse advertiu na introdução de *Eros e Civilização*, que utilizaria o conceito de “repressão” sem diferenciá-lo de “recalque” como fez o próprio Freud². Renato Mezan³ nos fornece uma boa referência sobre essa diferença: “repressão” [*Unterdrückung*] refere-se a um processo que mantém as pulsões no limite do pré-consciente. Enquanto “recalque” [*Verdrängung*] serviria para manter as pulsões

¹ Doutoranda em Filosofia pela Unicamp. Email: mariaerbia@gmail.com.

² MARCUSE, H. *Eros e Civilização*, p.8. No original, p.30. Citação completa está na p.52 de nossa dissertação.

³ MEZAN, R. *A Trama dos Conceitos*, 2001.

no inconsciente⁴. Trata-se, portanto, de lugares diferentes da constituição da psique. No entanto, Mezan prefere o termo “repressão” em português porque “recalque” significa apenas o ato de calcar de novo, de pisar os pés, enquanto “repressão”, segundo o dicionário Aurélio, pode ter um campo vasto de significados, podendo conter inclusive a violência que o conceito freudiano implica. A mesma distinção também é analisada por Paulo César de Souza⁵ do ponto de vista das traduções francesa e inglesa dos termos freudiano. Para o autor, essa distinção não é tão demarcada em Freud como os estudiosos apontam⁶.

Não quero afirmar que a distinção não seria útil; apenas procuro demonstrar que o uso freudiano não é tão coerente como desejariam muitos de seus estudiosos, e que talvez essa ânsia de coerência implique um *wishful thinking*, um raciocínio influenciado pelo desejo de que tudo seja inequívoco, de que os fragmentos se encaixem perfeitamente como um quebra-cabeça. É possível que haja um ganho teórico em se fazer tal distinção, mas ela não aparece nítida nos textos de Freud.⁷

De maneira aprofundada, o autor argumenta que a distinção entre *Unterdrückung* e *Verdrängung* tem uma importância especial na discussão (linguística) sobre as traduções na França e até os ingleses que inicialmente não faziam a diferença, passaram a refletir sobre a questão, porém com muitas controvérsias. Dentre os argumentos de Souza, destacamos seu cuidado ao voltar para as obras de Freud e buscar respostas que ele mesmo fornece sobre esse problema. Há uma alternância recorrente entre os dois termos sem uma preocupação maior de Freud em fazer essa análise, pois pouco importava a perfeição de seu vocabulário; somente “com a terminologia analítica aconteceu o mesmo que a muitas outras linguagens: são frequentes a polissemia e as sobreposições semânticas; nem sempre palavras diversas invocam ideias muito diferentes”.⁸ Um dado importante para nós que usamos a tradução do português é que a obra de Freud inicialmente foi traduzida a partir da *Standart*, mas nas discussões mais atuais é possível notar uma forte influência da tradução francesa que aposta nas distinções. A questão sobre usar *Verdrängung* tanto para “repressão” quanto para “recalque” é algo que deve ser convencionado de antemão, uma vez que há argumentos

⁴ MEZAN, R. *A Trama dos Conceitos*, p.XVII.

⁵ SOUZA, P. C. *As Palavras de Freud: o Vocabulário Freudiano e suas Versões*, 2010.

⁶ SOUZA, P. C. Op. Cit. p.77.

⁷ SOUZA, P.C. Op. Cit. p.118.

⁸ SOUZA, P. C. Op. Cit. p.119 cita *Vocabulaire*, p. VI; Vocabulário, p. VI. Patrick Mahory atribui essas linhas a Laplanche e Pontalis (Freud as a writer, p. 94, nota 3).

para o uso dos dois. Assim, já que em português, “repressão” é muito mais usado, não há problemas em utilizá-lo, pois até mesmo Freud afirmava que talvez este fosse o mais indicado. Provavelmente por estar ciente dessas discussões e por “*repression*” estar relacionado ao sentido político, é que Marcuse, em *Eros e Civilização* e outras obras, não considera esta diferença. Não seria, portanto, somente por ele optar pela tradução disponível de Freud em inglês. Ler as obras de Marcuse sem refletir acerca dessas questões implica no risco de alegar uma ingenuidade no autor que pode estar no leitor.

Ao voltar-nos novamente para o trecho da introdução de *Eros e Civilização* recém mencionado, temos que, para Marcuse: “repressão” e “repressivo” são utilizados no sentido não técnico para designar processos de restrição, coerção e supressão tanto conscientes quanto inconscientes, tanto internos quanto externos”.⁹ Ou seja, sua opção por não fazer a distinção era consciente, ele sabia das diferenças apontadas por Freud no idioma alemão, mas ainda assim optou pela tradução inglesa: *Civilization and Its Discontents*. A tradutora de *Eros e Civilização* para o alemão, Marianne Von Eckardt-Jaffe, traduziu “*repression*” por *Unterdrückung*.¹⁰ Isso enfatiza mais ainda o fato de que o termo requerido por Marcuse era mesmo como nosso português: “repressão”. Mas o mais relevante aqui é justamente o aparente descaso com as diferenças entre os termos “recalque” e “repressão”. Ao que se deveria esse aparente descaso?

Além de o público-alvo de Marcuse estar nos Estados Unidos já acostumados com o “*repression*”, ele precisava ressaltar o que havia de propriamente social na teoria das pulsões, ou seja, aquela parte da psicanálise que poderia ser pensada como teoria social é um elemento fundamental da apropriação pela Teoria Crítica. Dentro desta perspectiva, Marcuse se coloca contra a distinção entre “repressão” e “recalque”, uma vez que admiti-la é também aceitar que há um nível de repressão que foge ao plano daquilo que é externo e social.

Havia em *Eros e Civilização* uma crítica da recepção americana da psicanálise. O que devemos considerar ao fazer essas questões são os objetivos da hipótese marcuseana acerca da possibilidade do rearranjo de elementos tópicos do aparelho psíquico com uma integração maior entre *ego* e *superego*¹¹, quanto, por exemplo, na sociedade avançada, percebemos o declínio do papel do pai ou da família. Isto é, a educação e a relação do indivíduo com o mundo externo não se dá mais com a mediação

⁹ MARCUSE, H. Op.cit. p.8. No original, p. 30.

¹⁰ MARCUSE, H. *Triebstruktur und Gesellschaft*, p.14.

¹¹ Termos que nosso autor insiste em manter nessa tradução latina.

dos pais. A técnica assume um papel principal no primeiro contato dos indivíduos com a sociedade. Segundo a hipótese marcuseana, essa mudança rearticula a organização da psique e também das pulsões, uma vez que estes são modificáveis historicamente. O que está em jogo, sobretudo, neste livro é a força que a história possui sobre os conceitos. Nesse sentido, é proposital a mudança no conceito de repressão, assim como também ocorrerá em outros conceitos, afinal há uma transformação histórica na constituição do homem para a qual Marcuse quer nos chamar atenção.

Aqui a suposta incompetência e ingenuidade aparentes, despontam como a força radical do pensamento de Marcuse na noção de “*repression*”. Para Freud, “a teoria da repressão é a pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da psicanálise. É a parte mais essencial dela e, todavia nada mais é senão formulação teórica de um fenômeno que pode ser observado quantas vezes se desejar...”.¹² Além de ser importante como estrutura para psicanálise, a repressão será também fundamental em Marcuse para pensar uma série de questões da Teoria Crítica. Antes este e outros conceitos eram considerados como constantes antropológicas, ou seja, traziam consequências fundamentais para o presente momento. E de certa, maneira, justificavam certos comportamentos que não se modificavam na sociedade. A intenção de Marcuse era quebrar a estrutura estática dos conceitos biológicos de Freud, mas sem deixar de considerá-los enquanto variáveis históricas. Devemos ainda apontar, nesse sentido, que a estrutura básica da “repressão” fica intacta em *Eros e Civilização*, o que revela que não se trata somente de desconsiderar a biologia de Freud, como fizeram os revisionistas, mas apontar o que dela pode ser mudado historicamente. É por isso que a tradutora de Marcuse para o alemão, só usa o termo [*Verdrängung*] quando se refere à “repressão básica” se esta atinge imediatamente as pulsões em seu estado necessário para a formação da personalidade, isto é, processos dos quais o ser humano não pode escapar em qualquer tempo ou espaço.

II. Pulsão x instinto

Segundo Laplanche e Pontalis, no livro *Vocabulário de Psicanálise*, Freud utiliza o termo “*instinkt*” para se referir a um comportamento animal fixado por hereditariedade próprio da espécie, “preformado em seu desenvolvimento e adaptado a

¹² FREUD, S. *A História do Movimento Psicanalítico*, p.46.

seu objeto. Já o *Trieb*, inequivocadamente humano, é um “conceito-limite entre o somático e o psíquico dos estímulos oriundos do interior do corpo que atingem a alma” nas palavras de Freud. Processo dinâmico que consiste numa pressão ou força (carga energética, fator de motricidade) que faz o organismo tender para um objetivo. Segundo Freud, uma pulsão tem sua excitação corporal (estado de tensão); o seu objetivo ou meta é suprimir o estado de tensão que reina na fonte pulsional; é no objeto ou graças a ele que a pulsão pode atingir sua meta. Do ponto de vista terminológico, o termo *pulsion* foi introduzido nas traduções francesas de Freud como equivalente do alemão *trieb* e para evitar as implicações de termos de uso mais antigo como *Instinkt* (instinto) ou *tendance* (tendência). No quadro da última teoria freudiana das pulsões, designa uma categoria fundamental de pulsões que se contrapõem às pulsões de vida e que tendem a reconduzir o ser vivo ao estado inorgânico. Voltadas inicialmente para o interior tendendo à autodestruição, as pulsões de morte seriam secundariamente dirigidas para o exterior, manifestando-se então sob a forma da pulsão de agressão ou de destruição¹³. A palavra alemã *Trieb* até hoje causa controvérsias nas suas traduções francesa e inglesa. De acordo com Paulo César Souza,

Talvez o conceito de instinto vigente já na época de Freud, não fosse tão limitado como creem Laplanche e Pontalis. Estudiosos do comportamento animal, etologistas como Konrad Lorenz, questionavam a estreita noção comum de instinto já na década de 1920. Isso é algo a ser checado; de toda forma, não é a linha de argumento que seguimos. Limitando-nos ao terreno da filologia, podemos verificar, primeiro, se etimologicamente a palavra “instinto” não permitiria um sentido mais generoso, e até que ponto *Instinkt* se diferencia de *Trieb*, para os falantes e escreventes de alemão. Em segundo lugar, é preciso checar os trechos onde Freud usa *Instinkt* para ver se efetivamente ele faz uma diferenciação tão nítida como se cre¹⁴.

Ainda neste livro Paulo Cesar Souza discorre sobre as disputas na tradução inglesa entre *drive* e *instinct*. O primeiro estaria mais ligado à pulsão e o segundo ao instinto. Marcuse era ciente dessas distinções da época e poderia ter escolhido *drive* para falar sobre as pulsões. Ao invés disso, ele utiliza a terminologia “*instinct*” com o mesmo sentido de pulsão de Freud, qual seja, um impulso constituído por uma “fonte”, por uma “meta” e um objetivo não obtido. Supomos que essa escolha não tenha sido por

¹³ LAPLANCHE & PONTALIS *Vocabulário de Psicanálise*.

¹⁴ SOUZA, P.C. *As Palavras de Freud. O Vocabulário freudiano e suas versões*, pp.254-255.

acaso. Ela está diretamente relacionada com a tese de Marcuse de que os homens são seres históricos modificáveis por fatores exógenos. Ou seja, para ele não faz sentido a diferença entre um impulso que é modificável historicamente e outro que é fixo e eterno no animal-homem. Além disso, acrescentamos a discussão sobre a necessidade de tal distinção presente no livro de Paulo Cesar Souza. Trata-se de uma questão de tradução.

No caso da tradução de Nietzsche, Oswaldo Giacoia Junior, opta por utilizar o termo pulsão e esclarece de antemão que Nietzsche não distingue esses dois termos tal como Freud o fez, mas é importante notar que o significado de pulsão se aproxima bastante do instinto, pois se trata de forças [*Triebkraft*]¹⁵ orgânicas independentes e opostas que não se restringem somente à vida humana civilizada.

Como toda força orgânica, uma pulsão é uma intensidade energética que se constitui em seu efetivar-se; ela é este querer efetivar-se, exercer-se, descarregar-se. É nisso que toda pulsão revela como sendo da “mesma natureza que a vontade”. Mas essa vontade de dar livre curso à própria energia pressupõe a atividade de uma ou mais forças em sentidos contrários, num espaço energético do qual toda calculabilidade consiste em que “cada potência extrai a cada instante sua última consequência”. Toda descarga ou exercício de força supõe confrontação, composição ajustamento, aliança instituída entre potências rivais, de onde enfim se determina um sentido¹⁶.

O sentido dado à pulsão nessa tradução pode se aproximar muito do termo instinto empregado por Freud, mas é traduzido por pulsão. Por que o próprio Marcuse não utiliza *drive*? Será que sua intenção já não era de antemão conferir historicidade ao próprio termo “*instinct*”? Essas questões talvez não possam ser esgotadas aqui. Apesar de cogitar sobre uma possível intenção marcuseana de transformar instinto em algo modificável historicamente, também optaremos por unificar os dois conceitos e traduzir o termo o *instinct* por pulsão, já que é o sentido de pulsão que Marcuse descreve em Freud.

III – Id, ego e superego x Isso, eu e Supereu

A tradução literal de *Ich*, *Es* e *Über-ich* é respectivamente (ego) eu, (id) isso e (superego) supereu. Seguiremos, porém, a opção de Marcuse e, além disso, não faremos

¹⁵ JUNIOR, O.G. A Pulsão em Nietzsche, p. 79.

¹⁶ JUNIOR, O.G. A Pulsão em Nietzsche, p. 83.

uma correção desses termos nos outros autores brasileiros que se utilizaram deles da mesma maneira, como, por exemplo, Sérgio Paulo Rouanet e Renato Mesan. Portanto, permaneceremos com a antiga denominação e aproveitamos para trazer uma objeção de Paulo Cesar Souza sobre isso: “Continuamos perplexos como os primeiros leitores e tradutores de cinquenta anos atrás, mas talvez compreendamos melhor a ironia de Freud, numa carta a Jones: ‘Eu não deveria ter escrito *Das Ich und das Es*, já que em inglês não há correspondentes para essas palavras”¹⁷. É provável que o uso dos termos em latim tivesse o objetivo de se aproximar mais do sentido em alemão, mas não houve êxito, pois apesar de não existir uma diferença sensível entre dizer *eu* e *ego*, já que se são palavras ligadas aos processos da consciência, havia uma encrenca para encontrar um correspondente do *Es* porque ele apareceu como terra incógnita, “Atlândida afundada na psique”, e tal como essa terra, teve sua existência negada por muitos¹⁸. O *id* surgiu como um oposto ao *ego*, o que gerou muitas confusões, posto que, o sentido da partícula alemã *Es* era muito mais amplo do que o *it* do inglês e o *id* do latim. Seu simples emprego pode substituir um nome ou até mesmo uma frase inteira, como sujeito ou como objeto.

A tradução para o português de *Ich*, *Es* e *Überich* foi feita acriticamente pela aceitação da *Standart*, algo que foi considerado pela tradutora Marilena Carone como um grande erro, na medida em que não se discutiu o próprio significado das partículas em português, o que dificultou muito a compreensão, pois não havia no Aurélio, por exemplo, uma tradução dessas palavras. Com a revisão de Luis Carlos Meneses, *Eu*, *Isso* e *Super-eu*, se aproximaram mais do sentido difundido. Mesmo assim, *Isso* e *Super-eu* ainda são considerados de sentido estranho. Os pronomes latinos amenizam a carga afetiva dos conceitos; *ego* parece mais externo do que o *eu*. Seguir ou não a tradução do latim, no nosso caso, não vai evitar que os problemas em português e em inglês persistam, o mais importante é estarmos atentos a esta reflexão que deve ser contínua.

Repressão individual (ontogênese) e social (filogênese)

O marco inicial da repressão é o complexo de Édipo, cuja origem filogenética (ou seja, na espécie) começa no mito da horda primitiva em que o filho mata o pai e se

¹⁷ SOUZA, P.C. *As Palavras de Freud. O Vocabulário freudiano e suas versões*, p. 99.

¹⁸ *Ibidem*, p. 94.

casa com a mãe. O poder é transferido aos filhos: “Sobrepujando o pai, os filhos descobriram que uma combinação pode ser mais forte do que um indivíduo isolado.” A origem de toda moralidade estaria historicamente determinada pela consequência do grande crime humano que foi o assassinato do pai primevo. O pai que ressurgiu morto é mais forte do que quando era vivo, dado que, por um lado, uma vez saciado o desejo com o crime do ódio pelo pai, teriam vindo à tona a identificação, expressando a ambivalência.

O acordo efetuado com o pai, através do qual este prometia tudo o que a imaginação infantil pode esperar de tal pessoa, era feito pelo membro da comunidade totêmica. Os filhos pedem o amor do pai. Em troca, o pai exige o respeito a sua vida, ou seja, a não repetir com ele o ato que custou sua vida.

Os homens primitivos, por outro lado, são desinibidos: o pensamento transforma-se diretamente em ação. Neles, é antes o ato que constitui um substituto do pensamento, sendo por isso que, sem pretender qualquer finalidade de julgamento, penso que no caso que se nos apresenta pode-se presumir com segurança: no princípio foi ato.¹⁹

A partir do remorso provocado pela ação cometida, o pai, agora morto, multiplica seu poder, transformando-se em deus e é internalizado na forma de *superego*. Em Totem e Tabu observamos que a base da moral funda-se justamente sobre dois tabus originados no complexo de Édipo, a saber: a proibição do parricídio que nos orienta para a não repetição do crime contra o pai; e o segundo tabu é sobre o incesto, proibição que procura evitar a desunião dos homens causada pelos desejos sexuais.

Na obra *O Mal Estar na Civilização (Das Unbehagen in der Kultur)* Freud descreve a dialética da civilização na análise da afirmação de Freud de que “... o preço que pagamos por nosso avanço em termos de civilização é uma perda de felicidade pela intensificação do sentimento de culpa”.²⁰ Vemos aqui que Freud discorre sobre a interação entre homem e sociedade num conflito constante que nunca vai cessar. Esse conflito começou com a passagem do princípio de prazer para o princípio de realidade. O primeiro governa um estado em que os homens agiam exclusivamente em função de suas necessidades vitais e sem nenhum tipo de regras, assim, era considerado um animal irracional que apenas obedece a suas pulsões. Sob domínio deste princípio, o homem

¹⁹ FREUD, S. *Totem und Tabu*, p.164, 1913. Der Primitive ist ungehemmt, der Gedanke setzt sich ohne weiteres in Tat um, die Tat ist ihm sozusagen eher ein Ersatz des Gedankens, und darum meine ich, ohne selbst für die letzte Sicherheit der Entscheidung einzutreten, man darf in dem Falle, den wir diskutieren, wohl annehmen: Im Anfang war die Tat.

²⁰ FREUD, S. *Das Unbehagen in der Kultur*, 1991b, p.494.

age unicamente em função do prazer imediato e sem qualquer tipo de restrição.

A hipótese freudiana do desenvolvimento da civilização a partir da “horda primitiva”, muito embora não possa ser demonstrável histórica e antropológicamente, sua riqueza está no “valor simbólico” que representa ao evidenciar a dominação do homem pelo homem. O “pai primitivo” é o representante paradigmático da imposição de restrições à vida pulsional do princípio de realidade, uma vez que impediu seus filhos do acesso ao prazer – tomando as mulheres do grupo para si e impondo a proibição do incesto. Com este ato, os filhos estariam livres para atuarem como instrumento de trabalho, e garantirem a sobrevivência da espécie.

No ano de 1933, depois de apresentar a instância do *superego* como um detentor de censura junto ao *ego*, Freud forneceu o quadro da formação do *superego* e de suas funções na trigésima primeira conferência de introdução à psicanálise. Primeiramente, o *superego* é representado no domínio parental no crescimento da criança.

Ontogeneticamente, o mito tem como eixo a formação e a dissolução do conflito edipiano. O desejo pela mãe é reprimido, graças à ameaça de castração, a qual se segue a identificação com a imago paterna (correlato ontogenético do ato primitivo de canibalismo) que inclui a introjeção dos valores do pai. (...) Consumada a liquidação do conflito edipiano, o indivíduo está plenamente socializado.²¹

Depois, a criança abre mão da satisfação edipiana e internaliza as restrições e proibições externas. Esse é o momento em que o *superego* substitui a instância parental através de uma identificação. O *superego* é entendido como herdeiro do Édipo e como o representante das exigências éticas do homem. A origem da repressão está na renúncia, em primeiro lugar, que ocorre por causa do medo da autoridade externa. E depois, no princípio de realidade, temos a organização de uma autoridade interna, que focaliza o medo no *superego*. Tanto no âmbito filogenético quanto no ontogenético, a memória da gratificação é substituída por uma promessa de liberdade que só pode ser concretizada através da aceitação da não-liberdade, ou seja, o sujeito precisa abrir mão de uma série de satisfações que ele teria caso continuasse a satisfazer seus impulsos como no princípio de prazer. Freud afirmava que antes da matéria orgânica existir, havia uma matéria inanimada que entrou em choque com o ambiente e nela surgiu o primeira pulsão: para retornar ao estado inanimado. Nesse estágio, a morte desse ser é rápida, mas depois por um longo tempo, essa matéria viva nasce e morre novamente várias

²¹ ROUANET, S. P. *Teoria Crítica e Psicanálise*, p. 227.

vezes até que as influências externas decisivas se alterem de maneira a obrigar a substância a brigar mais com o seu curso original da vida e efetuar *détours* mais complicados antes de atingir sua finalidade de morte.²²

Os guardiões da vida, por sua vez, lutam todo o tempo contra perigos que poderiam encurtar o caminho para a morte, fugindo do curso natural da vida. Enquanto um grupo de certas pulsões (denominadas inicialmente como pulsões sexuais) se precipita para atingir o objetivo final da vida o quanto antes, outro grupo de pulsões luta para prolongar a vida (pulsões do eu). Posteriormente esses termos se transformam respectivamente em pulsões de morte (*Tanatos*) e pulsões de vida (*Eros*).²³ Em *O Mal Estar na Civilização* (*Das Unbehagen in der Kultur*), obra em que Freud relata a manifestação das pulsões em relação à cultura. É no capítulo V que ele discorre sobre o absurdo do primeiro mandamento católico: “ama teu próximo como a ti mesmo”. Para Freud, esse mandamento é absurdo, uma vez que amar alguém desconhecido é quase como lutar contra a si mesmo. Da discussão sobre a não existência do amor gratuito, surge a afirmação sobre a possibilidade de o contrário ser mais plausível: uma inclinação para a agressividade. Ou seja, é possível que o homem seja naturalmente agressivo, donde surge a idéia da pulsão de morte. Vejamos a formulação das pulsões em *O Mal Estar na Civilização*:

Com base nas especulações sobre o começo da vida e de paralelos biológicos, concluí que, ao lado da pulsão para preservar a substância viva e para reuni-la em unidades cada vez maiores, deveria haver outra pulsão, contrário àquele, buscando dissolver essas unidades e conduzi-las de volta a seu estado primevo e inorgânico. Isso equivalia a dizer que, assim como *Eros*, existia também uma pulsão de morte. Os fenômenos da vida podiam ser explicados pela ação concorrente, ou mutuamente oposta, dessas duas pulsões. Não foi fácil, contudo, demonstrar as atividades dessa suposta pulsão de morte. As expressões de *Eros* eram visíveis e ruidosas o suficiente;²⁴

A pulsão que conserva a substância viva e a reúne em unidades cada vez maiores

²² *Ibidem*, p.39

²³ *Ibidem*, p.57

²⁴ No original: Ausgehend von Spekulationen über den Anfang des Lebens und von biologischen Parallelen zog ich den Schluß, es müsse außer dem Trieb die lebende Substanz zu erhalten und immer größeren Einheiten zusammenzufassen, einen anderen, ihm gegensätzlichen, geben, der diese Einheiten aufzulösen und in den uranfänglichen, anorganischen Zustand zurückzuführen strebe. Also außer dem *Eros* einen Todestrieb; aus dem Zusammen – und Gegeneinanderwirken dieser beiden ließen sich die Phänomene des Lebens erklären. Nun war es nicht leicht, die Tätigkeit dieses angenommenen Todestriebs aufzuzeigen. Die Äußerungen des *Eros* waren auffällig und geräuschvoll genug; (FREUD, S. *Das Unbehagen in der Kultur*, XIV., pp.477 – 478)

é certamente a mesma que impulsiona o surgimento da civilização, é *Eros*. A função contrária, da pulsão de morte possui essa função de levar a substância vida ao estado inorgânico. A princípio, essa definição mantém a linha divisória entre pulsões de vida e pulsões de morte. Mas o aprofundamento posterior nesses estudos conduz a novas formulações no que se refere aos objetivos das pulsões, que por sua vez, tornam-se mais difíceis de serem identificados.

A constatação da existência de uma pulsão de morte é o maior impedimento para a cultura, enquanto *Eros* trabalha a serviço dela. A evolução da civilização se dá na luta entre *Eros* e *Tanatos* que se prolonga por toda a vida, portanto, Freud a descreve como uma luta da espécie humana pela vida. Mas a pulsão de morte também possui uma faceta que pode estar aliada a *Eros*:²⁵

O diagnóstico de Freud diante a tendência da repressão individual e social

A expressão máxima da repressão na culpa permanece inconsciente, porém se manifesta na civilização como um mal estar ou uma insatisfação pessoas buscam outras motivações. As religiões exploram muito bem essa capacidade da humanidade de sentir culpa e prometem a redenção dos pecados. Freud critica ferozmente o cristianismo em seu livro *O Futuro de uma Ilusão*, mas aqui alega que o ponto de partida da religião é também um parricídio com a morte de Jesus Cristo.

É a repressão das pulsões que gera culpa, pois “quando uma tendência pulsional experimenta a repressão, seus elementos libidinais são transformados em sintomas e seus componentes agressivos em sentimento de culpa.”²⁶ O sentimento de culpa exacerbado provém da intensificação cada vez maior das coerções da civilização. Por isso, nos cabe analisá-lo na sua dimensão cultural, explorando o próprio conceito de civilização.

A civilização humana, expressão pela qual quero significar tudo aquilo em que a vida humana se elevou acima de sua condição animal e difere das dos demais animais - e desprezo ter que distinguir entre cultura e civilização – apresenta dois aspectos ao observador. Por um lado, inclui todo o conhecimento e capacidade que o homem adquiriu com o fim de controlar as forças da natureza e extrair a riqueza desta para a satisfação das necessidades humanas; por outro lado, inclui todos os regulamentos

²⁵ Essa segunda faceta será muito explorada por Marcuse.

²⁶ *Ibidem*, p.499

necessários para ajustar as relações dos homens uns com os outros e, especialmente, a distribuição da riqueza disponível.”²⁷

Esta definição de civilização ou cultura possui um duplo sentido para Freud, ao passo que a civilização nos fornece riquezas para a satisfação de nossas necessidades, também é a grande responsável pelas severas exigências, o que provoca nos homens certa revolta. Pensar sobre a civilização, para Freud, é, sobretudo, pensar acerca dos indivíduos, neste, sentido, a obra *Psicologia de Massas e Análise do Ego* trás grandes contribuições, visto que seus pressupostos fundam-se na consideração de que o desenvolvimento da vida individual coincide com o desenvolvimento da civilização e de toda formação orgânica.

O processo de repressão como pudemos observar, ocorre no indivíduo, na sociedade e na vida de outras espécies de seres vivos. O processo civilizador é também a união de indivíduos isolados numa comunidade libidinalmente motivada por Eros e incentivada por Ananke (carência – pelas exigências da realidade). O objetivo de felicidade existe, mas é relegado em segundo plano. Já no processo individual, esse é o principal objetivo, por isso, os indivíduos são egoístas. É notório então que, uma sociedade pode ser mais bem sucedida se seus indivíduos não precisassem ser felizes. Indivíduo e sociedade sempre destoam, pois felicidade pessoal parece exigir uma repressão muito grande em relação aos outros.

A constatação dessa oposição surge, em primeiro lugar, quando Freud estuda os fenômenos que se desenvolvem na mente do indivíduo quando este se associa à multidão. Observa que as tendências agressivas ressurgem no comportamento civilizado e repara também que há uma intensificação dos afetos em detrimento de uma diminuição da capacidade intelectual. Essa mudança chama a atenção de Freud impulsionando-o a buscar uma compreensão dos motivos de tal transformação que influencia o indivíduo através da massa. A gênese da repressão se encontra ligada com a gênese da cultura, por isso a importância do estudo das grandes instituições da sociedade, a igreja e do exército.

Freud introduz o conceito de ideal de eu²⁸, comparando o indivíduo a estas duas instituições, no sentido que nelas reina a mesma ilusão de que existe um chefe que ama

²⁷ FREUD, 1974b, p.88

²⁸ Expressão utilizada por Freud no quadro da sua segunda teoria do aparelho psíquico. Instância da personalidade resultante da convergência do narcisismo (idealização do ego) e das identificações com os pais, com seus substitutos e com ideais coletivos. Enquanto instância diferenciada, o *ideal do eu* constitui um modelo a que o sujeito procura conformar-se.

com igual amor seus integrantes. Uma ilusão é uma crença motivada pelo desejo e indiferente à realidade efetiva. O fim desta crença causa uma dissolução do grupo e de seus elementos libidinais provocando uma liberação da agressividade dirigida para os membros do grupo, já que antes era dirigida para outros grupos. Freud observa um grau de abstração no processo de civilização maior do que no individual, pois, sabemos o que acontece com um homem desde o momento de seu nascimento até a sua morte, mas nada podemos afirmar acerca do futuro da civilização. Porém, Freud alerta para o cuidado com as analogias extremas, o objetivo de seu trabalho é refletir sobre o futuro da humanidade.

O indivíduo se desenvolve na medida em que interage com o grupo e consigo mesmo. O objetivo individual de felicidade é denominado “egoísta” e a união com os outros é chamada de “altruísta”. O primeiro tem como prioridade a felicidade individual e o segundo, que pode ser descrito também como cultural, se satisfaz com a função de impor restrições. A felicidade individual não é a grande preocupação de uma civilização, e sim a união de indivíduos. O sucesso do grupo depende da coerção do indivíduo, por isso, o desenvolvimento do indivíduo apresenta características especiais peculiares que não podem ser reproduzidas no processo civilizatório.

O indivíduo e sociedade sofrem também alguns processos parecidos. Os *superegos* cultural e individual possuem características similares, ambos se utilizam do medo da consciência. A ética é descrita como uma tentativa terapêutica de alcançar, através de uma ordem do *supereu*, algo não conseguido até agora por meio de outras atividades culturais.²⁹ O maior problema que encontramos aqui, portanto, se não tivéssemos ética, é o de saber como poderíamos afastar a agressividade mútua na humanidade. Certamente o mandamento “Ama teu próximo como a ti mesmo” não só não resolve o problema da agressividade, como é a pior maneira encontrada com essa intenção, uma vez que essa exigência é impossível de ser cumprida e provavelmente, torna os indivíduos mais frustrados ainda. Segundo Freud, a civilização não percebe o exagero absurdo de suas exigências, ao contrário, classifica como digno de mérito aquele que conseguir obedecer a seus mais difíceis sacrifícios. Ao passo que a agressividade é um estorvo para a civilização, a repressão a ela constitui a infelicidade da própria civilização. A ética religiosa encontra uma solução para esta infelicidade na promessa de felicidade numa vida após a morte. Mas nós e Freud estamos preocupados

²⁹ Ibidem, p.503

com a possibilidade de felicidade enquanto estivermos vivos.

Todo indivíduo possui em si uma interna luta entre buscar a felicidade e se relacionar com os outros seres humanos, luta que nada tem a ver com as pulsões de vida e morte, posto que ocorre somente no âmbito da libido. Embora sejam processos diversos, Freud segue suas obras sempre comparando o desenvolvimento individual ao social, apontando um aspecto importante em comum: o *superego*. A origem do *superego* da civilização se assemelha à origem do *superego* individual, uma vez que se baseia em grandes líderes, homens de força peculiar, mas que também foram maltratados e castigados pela humanidade. Jesus Cristo é o exemplo mais claro desta afirmação.

Freud compara este desenvolvimento do eu com o de uma criança recém-nascida, a qual não consegue distinguir entre ela e o mundo, ou seja, entre seu *ego* e o mundo, somente com o passar dos anos seu organismo reagirá aos estímulos externos e começará a fazer essa diferenciação. Este processo de reconhecimento do mundo é fonte de desprazer, uma vez que o objeto que se distancia é muito precioso para a criança, como o seio da mãe, por exemplo. A relação una do bebê com a mãe, como se o mundo ainda fosse uma continuidade dele mesmo, é mantida como uma eterna lembrança resgatada sob a forma de sentimento oceânico. No decorrer deste processo doloroso de conhecimento, urge a necessidade de separar do *ego* tudo aquilo que for fonte de desprazer, criando um *ego* que almeja o prazer. A partir desta separação nasce o princípio de realidade. Mas o princípio que domina a vida desde o início é o princípio de prazer e é também ele que decide o propósito da vida, embora todas as normas do mundo estejam contra este princípio de prazer.

O objetivo do homem é a felicidade, ou seja, tomando por definição de felicidade, a satisfação repentina de suas necessidades, esta meta está de acordo com o princípio de prazer, o estado de satisfação não pode se prolongar por muito tempo, pois ele se torna tênue. Apenas através do contraste é possível ocorrer o prazer intenso. Portanto, nossa própria constituição não nos permite a felicidade por um tempo prolongado. Com o intuito de descobrir o motivo de estarmos tão inclinados ao sofrimento, Freud analisa a maneira com que ele se manifesta e ainda enumera uma série de medidas paliativas para afastar o sofrimento, uma delas é a intoxicação, caminho que conduz a um desperdício de energia que poderia ser usada para o aperfeiçoamento do destino do homem. Outra maneira é agir impulsivamente, pois desta forma, é possível satisfazer imediatamente à vontade, porém, pode levar a barbárie,

caminho do qual, a civilização pretende fugir. A arte também é uma possível forma de fugir do sofrimento³⁰, mas a satisfação não é integral como no caso de agir impulsivamente, e também não é uma maneira acessível a todas as pessoas, portanto, não possui êxito. Freud nos fala ainda do amor como uma forma de fugir ao desprazer, entretanto ele mesmo adverte acerca de nossa imunidade quando estamos sob efeito do amor. Utilizando sempre a expressão "fugir do desprazer", Freud deixa bem claro que estamos condenados à infelicidade e que nos resta apenas amenizar este sofrimento. Ele diz que, embora o princípio de prazer seja irrealizável, não devemos abandonar a busca pela felicidade, mesmo que esta não seja integral. Para Freud, a alteração do mundo depende de nossa escolha e de quanta força acreditamos possuir para adaptar o mundo aos nossos desejos, nisto consiste os pilares da terapia em psicanálise.

Mesmo existindo várias formas de fugir ao sofrimento, a felicidade em sua plenitude é impossível. Diante desta constatação, Freud se interessa pelo exame das fontes de sofrimento questionando sobre a grande dificuldade de ser feliz, ele sintetiza as causas do sofrimento sob três aspectos principais: a superioridade da natureza, a fragilidade de nossos corpos e a inadequação às regras que pretendem ajustar as relações humanas. Esta última recebe uma atenção especial de Freud, já que as duas primeiras são inevitáveis. Nosso estudo se volta também para elas, visto que é nas regras sociais que se situa nosso objeto, qual seja, a repressão. Examinando o progresso da civilização, Freud conclui que, além de não trazer felicidade, nem conforto, trouxe apenas ordem.

A ordem é uma espécie de compulsão a ser repetida, a compulsão que, ao se estabelecer um regulamento de uma vez por todas, decide quando, onde e como uma coisa será efetuada, e isso de tal maneira que, em todas as circunstâncias semelhantes, a hesitação e a decisão nos são poupadas.³¹

No que concerne à dominação do espaço e do tempo, a ordem trouxe alguns benefícios. Mas o homem tem uma forte tendência ao descuido e a irresponsabilidade. Ele inventa regras e combina suas relações, porém sente enorme dificuldade em cumprir as próprias normas para as quais se dispôs. A civilização é fruto de uma iniciativa de regular as relações sociais com o intuito de obter mais liberdade. Porém, a liberdade não faz parte de seus atributos. O impulso para a liberdade é dirigido contra a civilização, os

³⁰ O papel da arte na emancipação será muito importante para Marcuse.

³¹ *Ibidem*, p.452

homens sempre reivindicarão a liberdade individual, o que implica a não-liberdade coletiva.

No âmbito do desenvolvimento cultural, a sublimação pulsional³² constitui uma característica evidente, nela se encontra o elemento que permite as atividades psíquicas superiores, científicas, artísticas ou ideológicas. É contra a forte tendência a repressão das pulsões que a sublimação deve se voltar. Dito isto, nos deparamos com a afirmação de Freud de que a sublimação foi imposta pela civilização às nossas pulsões e não se trata apenas de uma simples afirmação, mas de uma constatação merecedora de reflexão. Mas a sublimação também envolve um considerável grau de repressão que, para Freud, ainda não livra os seres humanos da tendência oculta da humanidade, qual seja, a autodestruição.

Também estou a par da objeção que pode ser levantada contra isso, objeção segundo a qual, na história da humanidade, tendências como estas, consideradas intransponíveis, frequentemente foram relegadas e substituídas por outras. Assim reduzo minha coragem de me erguer diante de meus semelhantes como um profeta; curvo-me à sua censura de que não lhes posso oferecer consolo algum, pois, no fundo, é isso que todos estão exigindo, e os mais revolucionários selvagens não menos apaixonadamente do que os crentes mais devotos.³³

As forças de *Eros* precisariam aumentar para que a tendência das pulsões destrutivas não o vença. O mal estar parece prevalecer, embora seja clara a pretensão de ceticismo de Freud ao terminar sua obra com uma questão: qual será o resultado na luta entre *Eros* e *Tanatos*? Freud julga-se incapaz de tomar uma posição acerca do futuro da civilização, mas sempre lembra que a execução de uma mudança está diretamente ligada à idéia de que existem dificuldades insuperáveis inerentes à própria natureza da civilização. Para saber se Freud é um cético ou um pessimista, teríamos que nos dedicar num estudo mais aprofundado de suas obras, ou seja, fugiríamos de nosso objetivo. Nas obras lidas aqui, ao menos, não aponta saídas para a civilização e parece pessimista, no sentido de que sempre que ele aponta uma solução para um problema, logo em seguida ele fixa seu obstáculo.

A guisa de conclusão, podemos dizer que, do ponto de vista da diminuição de sua repressão o homem deve escolher entre buscar sua felicidade individualmente lutando contra a sociedade, ou aceitar sua posição nesta e resignar-se diante de suas

³² Indução e deslocamento das condições de satisfação conduz a satisfação por outros caminhos. (Ibdem, 457)

³³ Ibdem, p.506

imposições. A primeira opção aparentemente trás benefícios ao indivíduo, dado que ele agirá de acordo com seus desejos, entretanto, como vimos, ele não terá a repressão amenizada, posto que sua satisfação implica na infelicidade coletiva. Sendo assim, este sujeito receberá as austeras punições de seu *superego* e da própria civilização que lhe enxerga como um perigo. A segunda opção de resignar-se não diminui também sua repressão, posto que, o indivíduo é constituído desejos, os quais não serão satisfeitos, provocando culpa e agressividade.

Referências

- BONSS, W. Psychoanalyse als Wissenschaft und Kritik. Zur Freud-Rezeption der Frankfurter Schule, in: *Wolfgang Bonß / Axel Honneth (Hrsg.), Sozialforschung als Kritik. Zum sozialwissenschaftlichen Potential der Kritischen Theorie*. Suhrkamp, 1982, ISBN 9783518280003, S. 367-425.
- FREUD, Sigmund. *Das Ich und das Es*. Gesammelte Werke: chronologisch geordnet, in Einzelbänden XIII. (1920-1924), S.Fischer Verlag, 1991a.
- _____. *Die Zukunft einer Illusion. Das Unbehagen in der Kultur*. Gesammelte Werke: chronologisch geordnet. (1925-1931). S.Fischer Verlag, 1991b.
- Obras Psicológicas Completas de Freud*, Trad. Jaime Salomão, Rio de Janeiro: Editora Standart brasileira, Imago, 1996.
- _____. *Além do Princípio de Prazer*, Rio de Janeiro: Imago, 1996a.
- _____. *O Ego e o Id*. Tradução Jaime Salomão, Rio de Janeiro: Imago 1996b.
- _____. *Psicologia de Massas e Análise do Ego*. Tradução Jaime Salomão, Rio de Janeiro: Imago, 1996c.
- _____. *Totem e Tabu*. Tradução de Jaime Salomão, Rio de Janeiro: Imago, 1996 d.
- _____. *Os Pensadores*. Tradução Jaime Salomão, São Paulo: Editor Abril Cultural, 1974.
- _____. *O Mal-Estar na Civilização*. Tradução Jaime Salomão. São Paulo: Editor Abril Cultural, 1974 a.
- _____. *O Futuro de uma Ilusão*. Tradução Jaime Salomão. São Paulo: Editor Abril Cultural, 1974b.
- MARCUSE, H. *Eros and Civilization. A Philosophical Inquiry into Freud*. Boston, Beacon Press: 1974.
- LAPLANCHE & PONTALIS *Vocabulário de Psicanálise*. Ed.Martins Fontes. São Paulo, 2001.
- MEZAN, Renato. *Freud o Pensador da Cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- MONZANI. *Desejo e Prazer na Idade Moderna*. Ed. Unicamp, Campinas, 1995.
- _____. *Freud, O Movimento de Um Pensamento*. 2. ed. CAMPINAS: EDUNICAMP, 1989. v. 3000. 200 p.
- NOBRE, M. *A Teoria Crítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- ROUANET, S. Paulo. *Teoria Crítica e Psicanálise*. Rio de Janeiro: ed. Tempo Brasileiro, 1989.
- SOUZA, P.C. *As Palavras de Freud. O Vocabulário freudiano e suas versões*.